



ENXADA, CADERNO E SUOR: APLICABILIDADE DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO DOS MONITORES PARA A ALFABETIZAÇÃO DOS CAMPONESES PELO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1960

HOE, NOTEBOOK AND SWEAT: APPLICABILITY OF PAULO FREIRE'S PEDAGOGY IN THE TRAINING OF MONITORS FOR THE LITERACY OF PEASANTS BY THE BASIC EDUCATION MOVEMENT IN GOIÁS IN THE 1960S

163

Elisabeth Maria de Fátima BORGES
Faculdade de Inhumas (FacMais)
E-mail: elisabeth@facmais.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6581-6620>

Daniel Junior de OLIVEIRA
Faculdade de Inhumas (FacMais)
E-mail: docenciauniversitariadaniel@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0379-9391>

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a aplicabilidade da pedagogia de Paulo Freire na formação dos monitores para a alfabetização dos camponeses pelo Movimento de Educação de Base em Goiás na década de 1960. Estabeleceu-se como questão problema: Como a teoria de Paulo Freire junto ao MEB contribui para a alfabetização de camponeses no Brasil na década de 1960? O estudo foi desenvolvido por meio de uma análise bibliográfica e evidencia a aplicabilidade do método Paulo Freire, tanto na formação de professores monitores quanto na elaboração de material didático Benedito e Jovelina, nos anos de 1960. Destaca-se, portanto, que houve êxito com a alfabetização, haja vista que os alunos aprenderam a ler as palavras, em especial, passaram ler seu mundo, o que proporcionou condições de perceberem os problemas e as causas e vislumbrar condições de lutar por transformações, o que fez deles sujeitos da história. A experiência com a formação do MEB, é compreendida como inédita no país, carrega em seu percurso exemplos originais que demonstraram que é possível trazer soluções para a educação através da educação transformadora.

Elisabeth Maria de Fátima BORGES; Daniel Junior de OLIVEIRA. ENXADA, CADERNO E SUOR: APLICABILIDADE DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO DOS MONITORES PARA A ALFABETIZAÇÃO DOS CAMPONESES PELO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1960. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE AGOSTO. Ed. 44. VOL. 01. Págs. 163-177. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

Palavras chave: Paulo Freire. Formação de monitores. Movimento de Educação de Base.

ABSTRACT

This study aims to analyze the applicability of Paulo Freire's pedagogy in the training of monitors for the literacy of peasants by the Base Education Movement in Goiás in the 1960. Does MEB contribute to the literacy of peasants in Brazil in the 1960? The study was developed through a bibliographical analysis and shows the applicability of the Paulo Freire method, both in the training of monitor teachers and in the elaboration of didactic material Benedito e Jovelina, in the 1960. literacy, given that students learned to read words, in particular, began to read their world, which provided conditions to perceive the problems and causes and envision conditions to fight for transformations, which made them subjects of history. The experience with the formation of the MEB, which is understood as unprecedented in the country, carries in its path original examples that demonstrated that it is possible to bring solutions to education through transforming education.

Keywords: Paulo Freire. Training of monitors. Basic Education Movement.

INTRODUÇÃO

O estudo - ENXADA, CADERNO E SUOR: aplicabilidade da pedagogia de Paulo Freire na formação dos monitores para a alfabetização dos camponeses pelo Movimento de Educação de Base em Goiás -, apresenta reflexões sobre um momento significativo na história da educação do país, que foi a aplicação da proposta da pedagogia de Paulo Freire durante a década de 1960.

O método de Paulo Freire foi utilizado para a alfabetização dos camponeses da região de Itauçu-Go. Desse modo, neste texto, destacamos a experiência de formação de monitores através do MEB - Movimento de Educação de Base no Estado de Goiás - que se caracterizou em um ato revolucionário naquele período (década de 1960). E, poderíamos destacar que, ainda nos dias de hoje, as práticas pedagógicas que se sustentam na pedagogia desse educador são reconhecidas como práticas transformadoras.

Elisabeth Maria de Fátima BORGES; Daniel Junior de OLIVEIRA. ENXADA, CADERNO E SUOR: APLICABILIDADE DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO DOS MONITORES PARA A ALFABETIZAÇÃO DOS CAMPONESES PELO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1960. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE AGOSTO. Ed. 44. VOL. 01. Págs. 163-177. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

Para compreender o contexto do presente estudo é necessário ter clareza de que o contexto histórico e social da época é permeado por grandes desigualdades sociais; mas mesmo diante dessas desigualdades a esperança se fazia presente através do método Paulo Freire e do Movimento de Educação de Base- MEB. Isto porque, para estes, a educação e a alfabetização eram reconhecidas como um componente fundamental para a transformação da sociedade e a promoção da cidadania para grande parcela da população que vivia marginalizada, em específico os camponeses.

Através de sua pedagogia libertadora, Paulo Freire se destaca como um dos maiores educadores do século XX. A sua visibilidade se dá, especialmente, ao seu método de alfabetização voltada para adultos. A pedagogia libertadora tem como base o diálogo, a conscientização e a participação ativa dos alunos, que se contrapõe, em todos esses aspectos, aos métodos tradicionais vigentes à época que ficaram conhecidos como bancários/autoritários.

Paulo Freire se tornou inovador em sua abordagem educacional porque defendia que a educação deveria ser uma construção conjunta, ou, um ato de construção que contribuísse na construção do conhecimento de forma que o aluno passasse a ser crítico e tivesse condições de ter consciência do mundo.

A aplicação do método Paulo Freire junto ao Movimento de Educação de Base em Goiás – MEB, portanto, surgiu como necessidade de transformação da sociedade através da educação. A par disso, esta pesquisa objetiva analisar a aplicabilidade da pedagogia de Paulo Freire na formação dos monitores para a alfabetização dos camponeses pelo Movimento de Educação de Base em Goiás na década de 1960.

Como questão problema indaga: Como a teoria de Paulo Freire junto ao MEB contribui para a alfabetização de camponeses no Brasil na década de 1960? Este estudo se identifica como pesquisa bibliográfica que, segundo Severino (2016, p. 131) “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores”.

O estudo se estrutura em quatro seções: a primeira intitulada - Movimento de Educação de Base - MEB e o MEB em Goiás – aborda o contexto do MEB e o MEB dentro do contexto do Estado de Goiás.

A segunda e terceira seções - A formação de monitores no MEB-GO e Os cursos de formação de monitores, apresenta como era organizada a formação de monitores e

os cursos de formação para quem almejava ser monitor e colaborar com a alfabetização dos camponeses.

A quarta e última seção - A participação dos monitores e alunos na criação do material didático “Benedito e Jovelina” – contextualiza como foi estruturado o material didático para alfabetização “Benedito e Jovelina” junto aos monitores e alunos.

O método de alfabetização de Paulo Freire, na conjuntura ora apresentada, possibilitou aos camponeses uma abordagem pedagógica inovadora e a esperança para os trabalhadores que eram marginalizados pela sociedade por não serem alfabetizados, e que, através da educação pretendiam superar a marginalização e o analfabetismo. Desta forma, defendemos que o método Paulo Freire possibilita uma educação com potencial de transformação social.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE - MEB E O MEB EM GOIÁS

Antes de iniciarmos a análise da aplicabilidade da Pedagogia de Paulo Freire na formação dos monitores para a alfabetização dos camponeses pelo Movimento de Educação de Base¹ (MEB) no município de Itauçu, é necessário contextualizar historicamente este movimento.

De acordo com Peixoto Filho (2003) o período de formulação de movimentos como o MEB caracteriza-se pela conjuntura econômica desenvolvimentista. Esse autor relata que, nesta conjuntura, os problemas da educação como o analfabetismo e a ausência de formação de mão-de-obra especializada, eram vistos como entraves ao desenvolvimento do Brasil.

Castro (1992) afirma que o contexto histórico do surgimento do MEB tem uma série de características que o difere dos demais, como a crise do populismo e a ascensão dos movimentos de massa.

Fávero (2004) destaca que o processo de criação do MEB aconteceu na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1961. Esta criação visava o desenvolvimento de um programa de educação de base a ser implementado nos

¹ Existe um importante banco de dados sobre o MEB no Brasil que foi organizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás composto de 460 documentos. Estão disponíveis no link: https://www.fe.ufg.br/nedesc/cmiv/visao/formularios/RelatorioDocForm.php?cod_projeto_regional=1&cod_projeto_estadual=1&cod_sub_projeto=1&titulo=&autoria=&genero=&palavra_chave

estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. As aulas seriam repassadas aos alunos através das escolas radiofônicas. Esse programa era um elo entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro.

Fávero (2004) mostra que este não era um movimento único, específico do contexto histórico daquela época, mas fazia parte de uma série de outras ações desenvolvidas na época, ambas dentro do movimento do desenvolvimentismo, que vinham sendo implantadas desde a década anterior (1950), como: a Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos; a Campanha Nacional de Educação Rural do Sistema Rádio Educativo Nacional, organizada em 1957 pelo Ministério da Educação e Cultura. Conforme o autor, o MEB foi pensado pela Igreja Católica com base em experiências de radiodifusão educativa realizadas pela Igreja Católica na Colômbia.

A “educação de base” era uma proposta da UNESCO, que promovia a realização de programas de educação de adultos. Essa entidade pregava que as populações pobres das regiões “atrasadas” necessitavam de ter o mínimo de conhecimentos, hábitos e atitudes como forma de promoção social. A UNESCO defendia a implementação de programas de educação de base como uma proposta ideal para o ensino fundamental que deveria ser universal, gratuito e obrigatório para as crianças e adultos (FÁVERO, 2004). As considerações desse autor evidenciam que o projeto do MEB fazia parte de um contexto mundial por meio do qual se pregava a necessidade de combate ao analfabetismo.

O MEB foi implementado sob a concepção de educação de base como conjunto dos ensinamentos visando a promoção da valorização do homem e o soerguimento das comunidades (MEB, 1965).

A preocupação da Igreja católica em atuar entre os camponeses foi impulsionada também por causa das Ligas Camponesas (BORGES, 2005). Isso fica explícito em um dos objetivos do MEB, que era “[...] velar pelo desenvolvimento espiritual do povo, preparando-o para o indispensável soerguimento econômico das regiões subdesenvolvidas e ajudando-o a defender-se de ideologias incompatíveis com o espírito cristão da nacionalidade” (MEB, 1963, p. 23).

A atuação do MEB no Estado de Goiás teve muitos saldos positivos. Em dezembro de 1962, a equipe do MEB/GO reuniu os 86 monitores para revisão, crítica e

planejamento da atuação. No ano seguinte, 1963, iniciou-se uma Campanha de Alfabetização com treinamento de novos monitores. Os objetivos da campanha eram o de despertar os trabalhadores rurais para a necessidade do aprendizado de leitura e escrita; esclarecer sobre a possibilidade de instalação de escolas para adultos e mudança no sistema de matrícula (BORGES, 2005). Nesta pesquisa evidenciamos a atuação do MEB em apenas um dos municípios goianos: Itauçu.

Em Itauçu a atuação do MEB iniciou-se em 1962 e abrangia as fazendas Grama, Cabeceira do Inhumas, Barreiro e Serrinha. A implementação do MEB nessa região era estratégica, uma vez que a fazenda Serrinha era ponto natural de convergência da região. O MEB abrangeu uma grande extensão na região: aproximadamente 15 alqueires, que tinha uma população de cerca de cento e cinquenta famílias de camponeses que trabalhavam com o sistema de arrendo, meação e alguns poucos assalariados. Essas famílias tinham como principais atividades econômicas a agricultura (milho, arroz e feijão) e a pecuária. A fazenda Serrinha, objeto desta pesquisa, fica há seis quilômetros distante da sede do município (BORGES, 2005).

Desde a escolha do monitor o MEB era muito democrático, cada município deveria organizar comitês que deveriam se responsabilizar pela escolha das áreas das novas escolas e das apresentações dos candidatos a monitor. As funções do comitê eram variadas: desde a busca de apoio das autoridades locais para as Escolas Radiofônicas, até a reunião com o povo, o planejamento do trabalho, a promoção de debates sobre os problemas apresentados pelo programa, visitas às famílias para informá-las sobre a campanha, e, ainda, a realização de pesquisas sobre a porcentagem de analfabetismo local.

Esta campanha de mobilização, divulgação e engajamento durou todo o mês de março de 1963, encerrando-se no dia 23 com a aula inaugural das escolas radiofônicas (BORGES, 2005). É possível perceber por meio dos relatos históricos, que desde o processo de mobilização e divulgação o MEB se empenhava em desenvolver a autonomia do camponês. E, aos poucos, as escolas radiofônicas foram se tornando espaços de debate, problematização e desenvolvimento do senso crítico e da cidadania.

O MEB foi além em seu projeto inicial de alfabetização de adultos, uma vez que elaborou um projeto global alternativo de mudança social, tendo como opção o povo brasileiro, especialmente os camponeses, mostrando a necessidade de mudanças

estruturais feitas por este povo, como sujeito ativo e crítico de sua história (WANDERLEY, 1984).

As escolas radiofônicas geralmente funcionavam em escolas isoladas, nas fazendas, em alguma casa das fazendas, em algum salão paroquial, ou mesmo em barracões construídos para esse fim. Todavia, na maioria das vezes essa escola era instalada na casa do próprio monitor. Fávero (2004) mostra que isso ia de encontro à prática de escolas de professores leigos, que era comum no campo brasileiro, onde bastavam mesas (para o aluno apoiar o caderno) e bancos rústicos de madeira.

No que se refere ao material didático utilizado, o MEB fornecia o básico: um quadro de giz, o rádio e as pilhas para sintonizar na Rádio Difusora, um lampião de querosene, o Material Didático, que era elaborado junto aos camponeses (em Goiás foi o “Benedito e Jovelina”) e os livros de leitura. As aulas eram realizadas à noite, permitindo que os camponeses não se ausentassem de sua lida no campo (FÁVERO, 2004; BORGES, 2005).

Quanto ao perfil dos alunos, era heterogêneo composto de camponeses adolescentes, jovens e adultos que iam em busca de aprender a ler e escrever, bem como adquirir as noções da educação de base. Todavia, ali ele recebia algo muito mais valioso: aprendia que também era um cidadão, que tinha direitos, e principalmente aprendia que era através da união que eles poderiam conseguir realizar seus intentos (FÁVERO, 2004; BORGES, 2005).

Em Itauçu esses alunos se engajaram em muitas campanhas em prol de sua comunidade: a campanha escolar (visando a construção de uma escola para as crianças), as campanhas sanitaristas (de aquisição de filtro d’água, de construção de privadas - fossa -, contra o barbeiro que causava a doença de Chagas) além do engajamento em movimentos de lutas por seus direitos, como o sindicalismo (BORGES, 2005).

A FORMAÇÃO DE MONITORES NO MEB-GO

O MEB não trabalhava com professores e sim monitores. Fávero (2004) descreve esses monitores como pessoas da própria comunidade, ou seja, camponeses que atuavam de forma voluntária e gratuita na escola. Sobre esse trabalho dos monitores o autor o descreve como muito importante no movimento, pois ia desde a instalação da escola, até a captação e matrícula dos alunos, e depois nas aulas era ele

que fazia o controle de sua frequência, auxiliava alunos camponeses para obterem um maior aproveitamento das aulas radiofonizadas. Era também o monitor que fazia a aplicação de provas e enviava os relatórios mensais sobre o andamento da escola para a equipe do MEB Estadual.

Fávero (2004) também aponta os requisitos para que o camponês pudesse se tornar um monitor do MEB: saber ler e escrever (independentemente do tempo que havia estudado, alguns tinham tido apenas três meses de estudo) e que tivesse capacidade para seguir as instruções das aulas radiofonizadas. Esse foi o caso dos irmãos Oscavu e José Moreira Coelho, ambos tinham recebido apenas três meses de estudo, mas sabiam ler e escrever. Eram lideranças locais e por isso foram indicados pelo padre local como pessoas com as habilidades e competências para exercer a monitoria do MEB em Itauçu (BORGES, 2005).

O processo de captação dos monitores nas diversas dioceses de Goiânia começou no mês de março de 1961. A equipe Central de Coordenadores visitava os municípios e, com a ajuda do padre local, buscava e convidava as pessoas para serem monitores (BORGES, 2005). Após esse convite eram agendados os cursos de formação dos monitores.

A perspectiva de oferecer cursos de capacitação de professores era uma inovação na época, uma vez que em Goiás os professores do campo eram, em sua maioria, leigos e não recebiam nenhuma capacitação antes de iniciar a prática do ofício. A capacitação desses camponeses para a atuação no MEB é a temática que abordamos a seguir.

OS CURSOS DE FORMAÇÃO DE MONITORES

O primeiro curso de formação dos monitores em Goiás ocorreu em 1961 e foi oferecido pelo Sistema Educacional Tele-Radiofônico de Goiás (SETERGO). Essa formação encerrou-se no dia 31 de agosto e capacitou 56 monitores. Com o nome de “treinamento”, esse processo visava, dentre outras coisas, sensibilizar os monitores sobre a importância do projeto no contexto atual brasileiro, além de trabalhar noções básicas da alfabetização de adultos. A ementa era vasta e abrangia desde técnicas de trabalho em grupo até noções rudimentares de conteúdos básicos como a Língua

Portuguesa, Aritmética, até o manejo do rádio difusor, e as metodologias da aula (BORGES, 2005; BARBOSA, BORGES, 2017; BORGES, SILVA, 2020; RODRIGUES, 2008).

O “treinamento” trouxe outro aspecto inovador, haja vista que se pautou na metodologia de Paulo Freire; e, ao contrário de uma educação bancária, a equipe central preparou uma capacitação que possibilitou tornar os monitores sujeitos ativos do processo (BORGES, 2005). Rodrigues (2008, p. 170) cita a fala de uma das coordenadoras do SETERGO que afirma que ali: “o grande treinamento, que, de fato, os monitores receberam foi enquanto sujeitos do processo de treinamento”.

Borges (2005) retrata através da fala do monitor Oscavu José Coelho que se destacou no estado de Goiás e também ficou conhecido nacionalmente, e sempre foi citado por Carlos Rodrigues Brandão (que era o representante do MEB Nacional em Goiás) como um dos monitores que mais se destacou nacionalmente. Oscavu relata que eles foram até o “treinamento” esperando receber conhecimentos, ter uma formação bancária que era o comum na época, mas perceberam que não estavam naquele espaço apenas para aprender como receptores, sujeitos passivos, e sim para atuarem como sujeitos ativos daquele processo.

De acordo com Borges (2005), durante esse processo de capacitação os monitores e os coordenadores do MEB trabalhavam juntos, desde a problematização até a análise e confecção do material didático. O treinamento era um espaço de troca de conhecimentos.

Freire (1999) apresentou uma crítica ao ensino “bancário”, em que o aluno é passivo, mero receptor de conhecimentos. O autor defendia que este modelo de ensino é deformador da tão importante criatividade, e sugere uma educação problematizadora. Freire (1999) apresenta, então, uma prática pedagógica capaz de oferecer ao aluno a oportunidade de se redescobrir através da reflexão crítica e da conscientização. Os monitores do MEB vivenciaram este processo.

Ao analisar a capacitação dos monitores pelo MEB, Rodrigues (2008) enfatiza que naquele espaço iniciou-se uma transformação (que pode também ser denominada de revolução educacional), uma vez que os camponeses monitores se tornaram sujeitos ativos e foram motivados a problematizar, a resolver situações, a sentir que as coisas eram feitas por eles. Certamente, isso trouxe um forte impacto na auto estima destes

monitores, motivando-os para o trabalho que desenvolveram em seguida com seus alunos.

Para Freire (2000) um dos momentos mais importantes do processo educativo-crítico é aquele em que se propicia condições em que a comunidade escolar, em suas relações sociais, assuma a sua identidade cultural: entender que são sujeitos ativos, seres pensantes, que se comunicam e, assim, possam se tornar sujeitos transformadores, criadores, realizadores de sonhos. A aplicabilidade da pedagogia da autonomia, através do processo alfabetizador de Paulo Freire, implantado pelo MEB, na década de 1960, corrobora esta teoria. Freire (2000) defendia que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, e isso o MEB colocou em prática.

Ao abordar os saberes necessários à prática educativa para se efetivar uma pedagogia da autonomia, Freire (2000) defende que “formar” no processo educacional não se reduz ao desenvolvimento de habilidades e competências. O autor critica a proposta neoliberal da educação, bem como a ideologia fatalista e sua recusa ao sonho e à utopia. Ele vê a prática educativa como formadora, defende que ela deve ser ética. Mostra que ensinar não é uma mera transmissão de conhecimentos e que não há docência sem discência, uma vez que o professor aprende ao ensinar e o aluno ensina ao aprender.

Esses cursos de formação dos monitores ocorreram durante todo o período de implantação do MEB em Goiás, de 1961 a 1966, e mais tarde passaram a se chamar “Treinamento de Líderes”.

No documento - Relatório do MEB - consta o trecho de uma carta do monitor do MEB, José Moreira, que apresenta sua percepção sobre a formação de monitores do MEB:

Comparo a equipe central do MEB-GO) como o semeador e os líderes (monitores) como a terra a ser plantada. A equipe sai a procurar onde plantar, encontra terras que elas mesmas prepararam, planta a sementinha, a sementinha nasce e cresce, com a assistência do semeador, dão frutos mais abundantes, vão amadurecendo e caem novamente na terra, muitas vezes não precisa mais ser plantada, basta o semeador zelar, para que não fiquem abandonadas, e vamos chegar a um tempo em que toda a terra tem sua semente nativa, é assim o meu modo de interpretar o Movimento de Educação de Base (MEB, 1967, p. 16

A comparação é uma metáfora para ilustrar o processo de ensinar e aprender que era desenvolvido com o método Paulo Freire e o MEB, no qual os monitores desempenharam o papel de semeadores, compartilhando de forma dialógica os saberes construídos a partir da prática vivenciada no dia a dia com os camponeses. Os alunos seriam, portanto, terras férteis, donos de conhecimento de vida do mundo, e que em um processo dialógico com interação constroem um diálogo crítico sobre o mundo e sua realidade, promovendo assim, uma educação transformadora.

A PARTICIPAÇÃO DOS MONITORES E ALUNOS NA CRIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO “BENEDITO E JOVELINA”

A aplicabilidade do método de Paulo Freire é vista de forma mais expressiva no MEB Goiás na elaboração do material didático “Benedito e Jovelina”. Pensar em um material didático de alfabetização que é construído junto aos monitores e aos alunos é algo que encanta os educadores no mundo hodierno. Isso contrapõe-se aos materiais didáticos que, ainda nos dias de hoje, chegam até os alunos e professores prontos e, na maioria das vezes, não reflete a realidade vivida pela comunidade escolar.

Esse caráter inovador da participação dos monitores e alunos camponeses nessa elaboração nos traz a possibilidade de construção de um material didático de alfabetização que realmente se pautar no cotidiano do aluno, trazendo um forte impacto motivacional e possibilitando a maior eficácia na alfabetização.

Essa participação dos sujeitos do processo de ensino aprendizagem, monitores e alunos, esteve presente em todo o processo de elaboração do material, desde o levantamento das palavras geradoras *in lócus*, ali nas lavouras, até a construção dos textos geradores, enfim, na elaboração do material didático (BORGES, 2005; BARBOSA, BORGES, 2017; BORGES, SILVA, 2020; RODRIGUES, 2008). Podemos pensar o impacto que aprender a ler usando palavras geradoras, como - bezerro, enxada, trabalho, mata - trazia para o aluno camponês ao invés de usar - uva, xale.

Sobre a adequação das imagens e problematizações da realidade através deste material didático, Rodrigues (2008) aponta que neste material didático as palavras e os textos relatam o cotidiano dos alunos. Ao abordar a vida de Benedito e Jovelina (nomes escolhidos pelos alunos e monitores) o material possibilita a reflexão sobre a

vida de um casal camponês no processo de produção, na lida na roça e na casa da família, trazendo à tona importantes debates sobre esse contexto.

Analisando os critérios de seleção das palavras geradoras, seguindo os critérios do sistema Paulo Freire, Rodrigues (2008) aponta que isso contribuiu para a seleção de um conjunto de palavras que apresentassem tanto a riqueza fonêmica, quanto a densidade pragmática dos sentidos delas para se pensar o contexto rural. As palavras escolhidas entre o vocabulário do cotidiano camponês eram palavras pudes de significados e de sentidos para a população campesina.

Na construção do material didático a pesquisa do universo vocabular passou pela escuta (...) do jeito de pensar e agir, valores, esperanças, dúvidas, preocupações, crenças, o modo de falar, ver e compreender a realidade, como era feito o trabalho na terra, o calendário agrícola, as Folias de Reis, as músicas, os causos, a condição e o cotidiano dos camponeses monitores, alunos e demais membros da comunidade atingida pelo MEB/GO, tanto da vida familiar, como no trabalho, nas festas e demais relações estabelecidas (BRANDÃO, 2008, p. 227).

As considerações de Carlos Rodrigues Brandão, que fazia parte da equipe do MEB, sobre esse processo de captação das palavras geradoras, mostra como o método de Paulo Freire foi aplicado na elaboração desse material.

E, assim, no decorrer das aulas do MEB, os alunos faziam a correlação entre seu cotidiano de trabalho e as etapas do processo de alfabetização. Após analisar esse material didático para a alfabetização de adultos, Rodrigues (2008) alerta sobre uma lacuna na história da educação em Goiás, mostrando que embora esse material seja riquíssimo, é muito pouco pesquisado. Raríssimos são os cursos de Pedagogia que apresentam esse tema em suas aulas de História da Educação, poucas são as publicações sobre essa temática.

No que se refere à atuação do MEB em Goiás, Borges (2005) aponta que ele foi uma proposta pedagógica original que propiciou uma prática libertadora ao favorecer que as comunidades camponesas locais se desenvolvessem, surgindo assim uma democracia de base.

Wanderley (1984) também destaca as inovações pedagógicas do MEB, e mostra que essas práticas pedagógicas inovadoras apresentavam diversas negações a elementos da realidade do Brasil, tais como: a negação as práticas de trabalho da lógica

capital através das práticas do MEB a respeito do trabalho; a democracia do poder local que ia contra o monopólio do poder das classes dominantes; ao dar primazia à cultura popular negava a cultura hegemônica dominante; e, principalmente, era inovador ao valorizar o saber popular em face do saber acadêmico, tanto nos cursos de formação de monitores, quanto nas relações aluno/monitor.

O MEB também possibilitava uma transformação da realidade. Para Wanderley (1984), por apresentar uma negação da realidade imposta, essas práticas pedagógicas inovaram possibilitando a construção de uma sociedade mais igualitária, um mundo mais justo e humano.

A aplicabilidade do método de Paulo Freire, tanto na formação dos professores quanto na elaboração e uso do material didático “Benedito e Jovelina” trouxe uma mudança na mentalidade das pessoas da comunidade local. Os camponeses, por fim, entenderam que eram explorados pelos patrões, principalmente na questão do arrendo da terra, que lhes era cobrado 70%. Ao perceberem que tinham direitos, começaram a reivindicar e os fazendeiros locais os denunciaram como “comunistas” aos militares que estavam no poder. Então, este importante trabalho culminou com prisões, confisco e destruição do material didático “Benedito e Jovelina” pela polícia federal, pondo fim a um importante marco educacional goiano.

Do material didático “Benedito e Jovelina” restaram poucas unidades, uma delas se encontra disponível em anexo no livro de José Pereira Peixoto - A travessia do popular na contradança da educação (2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo podemos dizer que a aplicabilidade do método de Paulo Freire, tanto na formação dos professores quanto na elaboração e uso do material didático “Benedito e Jovelina”, possibilitou uma alfabetização de camponeses jovens e adultos exitosa, na década de 1960. Esses jovens e adultos alunos foram alfabetizados de forma rápida e prazerosa. E, tal como preconizava Paulo Freire, aprenderam a ler as palavras, mas principalmente a ler o seu mundo, se tornando capazes de perceber as causas de seus problemas e a lutar por transformações, se tornando sujeitos ativos de sua história.

Diante disso, consideramos necessário que pesquisas possam destacar a importância que o MEB desempenhou na educação brasileira, como uma possibilidade da aplicabilidade do método de alfabetização de Paulo Freire, tanto na formação de professores quanto na alfabetização de jovens e adultos, bem como possa ser um norte para a orientação das políticas educacionais brasileiras.

Socializar experiências educacionais como essa de formação de monitores é extremamente válido no mundo hodierno, onde somos bombardeados por *fake news* sobre o grande educador brasileiro Paulo Freire. É válido ainda para repensarmos os processos de formação de professores no Brasil, seja a formação inicial ou a formação continuada. E, ainda, para problematizarmos sobre o material didático que trabalhamos. Afinal, como não se encantar com um material didático que foi construído com a coparticipação de alunos, monitores e equipe gestora do programa, um material que nasceu dentro da realidade da comunidade escolar?

Portanto, não se pode negar que a experiência de formação de professores no MEB, até então inédita no Brasil, deixou exemplos de soluções originais que ainda hoje poderiam trazer soluções para muitos dos problemas educacionais brasileiros.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luzia Borges; BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. A aplicabilidade do método de Paulo Freire em Goiás: análise do material didático Benedito e Jovelina do Movimento de Educação de Base (MEB) - 1960. **Revista Científica Facmais**, Volume V, Número 1, ano 2016/ 1º semestre.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. Movimento de Educação de Base (MEB): um modelo inovador de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Itauçu (1960). **Revista Científica Facmais**. Vol. IX, N. 2. jul. 2017. Disponível em: <http://revistacientifica.facmais.com.br>. Acesso em 23 jul. 2023.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima; SILVA, Leusa Alves de. A teoria de Paulo Freire na formação de professores no MEB-GO. In: FREITAS, Marlene Barbosa Freitas; OLIVEIRA, Daniel Júnior; FREITAS, Carla Conti (Orgs). **Formação de Professores** - Possibilidades e demandas. Goiânia: Scotti, 2020, p. 153-172.

BORGES, Elisabeth Maria de. **Itauçu**: sonhos, utopias e frustrações no movimento Camponês. Goiânia: UFG, 2005 (Dissertação de Mestrado em História).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e de palavras. São Paulo: UNESP: 2005.

Elisabeth Maria de Fátima BORGES; Daniel Junior de OLIVEIRA. ENXADA, CADERNO E SUOR: APLICABILIDADE DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE NA FORMAÇÃO DOS MONITORES PARA A ALFABETIZAÇÃO DOS CAMPONESES PELO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1960. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE AGOSTO. Ed. 44. VOL. 01. Págs. 163-177. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

CASTRO, Ruth Cavalcante. **MEB: uma estratégia de comunicação com o homem do campo.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1992.

FÁVERO, Osmar. **MEB – Movimento de Educação de Base: primeiros tempos: 1961-1966.** Texto apresentado no V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Évora, Portugal, de 5 a 8 de abril de 2004. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/meb_historico.pdf. Acesso em: 05 ago 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MEB/GO. **Movimento de Educação de Base em Goiás.** Uma experiência de educação de base. Goiânia, 1967.

PEIXOTO FILHO, José Pereira. **A travessia do popular na contradança da educação.** Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

RODRIGUES, Maria Emília de Castro. **“Enraizamento de Esperança”:** as bases teóricas do Movimento de Educação de Base de Goiás. Tese de doutorado do PPGE, UFG. 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Educar para transformar:** educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984.